

10/02/2017 - 05:00

Um novo olhar sobre as drogas

Por **Helena Celestino**

"Um fato que me surpreendeu durante as minhas pesquisas é que 90% dos usuários de drogas não se tornam dependentes", diz Johann Hari, que virá ao Brasil para pesquisar o assunto

Johann Hari é um escritor e jornalista inglês com vocação para criar frases de efeito. Uma delas é: "Tudo o que você pensa que sabe sobre vício está errado". Com impacto garantido, esse é o título de sua conferência TED em Londres, em 2015, que tem mais de 6 milhões de acessos on-line. Ele escreveu um best-seller sobre o mesmo assunto, "Chasing the Scream - The First and Last Days of the War On Drugs" (Perseguindo o grito - primeiro e últimos dias da guerra às drogas, importado). O livro é resultado de uma pesquisa de três anos durante a qual o jornalista visitou uma dúzia de países para conversar com os mais variados personagens envolvidos na questão - de ex-trafficante transgênero do Brooklyn a uma vítima de cartel mexicano, passando por um cientista canadense a quem ele atribui a descoberta da verdadeira causa da dependência.

"A guerra contra as drogas cria uma guerra pela droga", afirma Hari, de 38 anos, ao **Valor**. Ele defende que só a legalização leva ao fim da violência em torno desse comércio; a descriminalização seria só um passo nessa direção - no Brasil, a questão começou a ser votada, foi interrompida por pedido de vista do ministro Teori Zavascki (morto em janeiro) e agora está em suspenso. Hari diz que o contrário da dependência das drogas não é a abstinência, mas a conexão entre os seres humanos. Segundo ele, é o isolamento e a dor que levam ao abuso de drogas.

Hari chegou a ser acusado de plágio em suas colunas no jornal inglês "The Independent", o que o levou a tornar disponíveis todas as gravações das entrevistas do livro para comprovar a veracidade da narrativa. No mês que vem, Hari virá pesquisar e escrever um capítulo sobre drogas no Brasil.

Valor: *A descriminalização ou a legalização das drogas são a coisa certa a fazer para reduzir a violência e a superlotação das cadeias?*

Johann Hari: Temos de entender a maneira como a proibição das drogas cria violência. Imagina que em Chicago alguém entra numa loja e rouba uma garrafa de vodka. O dono da loja vai chamar a polícia e o ladrão vai preso: não precisa ser violento nem intimidar ninguém porque o poder da lei está ao seu lado. Mas imagina roubar um pacote de marijuana ou de cocaína. O dono da mercadoria terá de estabelecer seu direito através da violência. A guerra contra as drogas cria uma guerra pelas drogas. Na época da Lei Seca, o mercado de bebidas era igual ao mercado das drogas hoje. Acabaram os Al Capones com o fim da proibição, hoje o CEO da Budweiser não mata o CEO da Heineken. O professor Jeffrey Miron, de Harvard, fez um gráfico mostrando o crescimento dos assassinatos nos EUA na época da proibição e a queda massiva dessas mortes depois do fim da lei. Essa é uma das dinâmicas no Brasil agora. Quando você proíbe a droga, ela não desaparece. Ela passa do mercado legal para as gangues criminosas, que estabelecem uma violenta competição como a de agora.

Hari: Descriminalização é quando os consumidores param de ser punidos, mas continuam a comprar drogas com os criminosos. Legalização acaba com o mercado negro das drogas ou de algumas drogas. Descriminalização não reduz a violência. Tudo que as pessoas dizem sobre o Rio e outras cidades brasileiras dizia-se sobre Chicago nos anos 20: "Existe uma cultura de corrupção", "Os gângsteres mandam na cidade, e sempre vai ser assim". Ninguém fala mais isso de Chicago, e não estou dizendo que o único problema das cidades brasileiras é a proibição da droga, seria ridículo. Mas acabar com a proibição das drogas resolve parte dos problemas. Existe uma outra questão que afeta Estados fracos, como Colômbia e México: os criminosos controlam uma parte importante da economia e capturam também parte da burocracia do Estado. A única maneira de tratar isso é tirar da mão dos traficantes a venda de drogas e, por isso, a legalização de diferentes drogas começou.

Valor: *O senhor diz que descriminalizar não reduz violência, mas mandar para casa os 27% dos presos por consumo de drogas no Brasil seria diminuir a chance de rebeliões e abusos de direitos humanos?*

Hari: Descriminalização não acaba com a guerra às drogas causada pela proibição - que é a pior forma de violência -, mas reduz outras formas de violência, como os casos que você cita. Um fato que me surpreendeu durante as minhas pesquisas é que 90% dos usuários de drogas não se tornam dependentes. Isso é admitido até pelo Controle de Drogas da ONU, a principal autoridade mundial no tema. Punir 90% dos usuários de drogas é equivocado e punir os outros 10%, os dependentes, é ainda pior, pois puni-los agrava o vício.

Valor: *Portugal descriminalizou as drogas, e as mortes por uso de heroína caíram*

Hari: Eles pararam de punir qualquer pessoa dependente ou usuária de drogas. Não é mais um crime usar ou portar drogas, mas continua sendo um crime vender drogas. Na verdade, o dinheiro usado para prender consumidores passou a ser usado em educação de crianças sobre drogas, em tratamento para pessoas com consumo abusivo de entorpecentes, em subsídios para garantir emprego a essas pessoas. Os resultados foram fantásticos - uma queda de 50% no consumo de drogas injetáveis, queda massiva de mortes ligadas a isso. Não acho que Portugal reduziu a violência ligada ao tráfico, mas descriminalizar é um avanço, é um passo para chegar mais perto da solução da violência.

Valor: *Já o Uruguai decidiu pela venda de maconha em farmácia a preço baixo para acabar com o tráfico..*

Hari: Algumas pessoas dizem que, mesmo com a legalização, traficantes continuarão a vender drogas. Uruguai e Colorado (EUA) mostraram como isso pode ser evitado. Existe no mercado das drogas o prêmio do risco: o perigo de ser preso eleva o preço dessas substâncias em 3.000% ao serem vendidas nas ruas de Londres ou Nova York. Quando tornam-se legais isso acaba, mas se a ideia for não deixar o preço cair, é possível estabilizá-lo através da taxação dos produtos. Não é verdade que o mercado ilegal continuará a existir, não conseguirá competir com um produto legal mais barato e de melhor qualidade.

Valor: *No seu livro, o senhor cita um médico canadense, segundo o qual o sistema atual só faz aumentar o uso abusivo de drogas*

Hari: Uma das coisas que me surpreenderam é que tudo o que sabemos sobre drogas está errado. As pessoas acham que a dependência é causada por produtos químicos usados na composição da heroína, que criam uma necessidade física da droga. Mas isso não é verdade: no Reino Unido, por exemplo, se você é atropelado por um carro, no hospital receberá morfina, um medicamento que nada mais é do que o nome médico para heroína. Se a dependência fosse causada pela química da heroína, todas as pessoas tratadas com morfina ficariam dependentes. As experiências do doutor Bruce Alexander, de Vancouver, me ajudaram a pensar de uma maneira diferente sobre dependência das drogas. Uma delas foi feita nos anos 70, na qual você bota um rato sozinho numa gaiola com uma garrafa de água e outra com água misturada com cocaína ou heroína, O rato vai preferir a água com a droga e vai bebê-la até morrer. Mas, mostrou o doutor Alexander, se o rato ficar numa gaiola com outros ratos, com acesso a sexo e comida, ele prova as duas águas, mas não se interessa pela droga e não morre.

Valor: *Daí a sua tese de que o oposto da dependência não é a sobriedade, mas a capacidade de estabelecer conexões...*

Hari: É fácil entender, por exemplo, por que a dependência é maior onde a vida é miserável e menor nos lugares onde se

Um novo olhar sobre as drogas vive melhor. O uso abusivo de drogas é uma maneira de lidar com a dor profunda. Os tratamentos para acabar com o uso de drogas causam mais dor. <http://www.valor.com.br/imprensa/noticia/4864386/cultura/4...>

Valor: *O senhor é a favor dos programas de redução de danos?*

Hari: Totalmente. Eles salvam vidas, reduzem a transmissão de doenças e protegem as pessoas em torno. São parte essencial dessa reforma [na lei de drogas], e o Brasil deveria ter orgulho dos seus programas de redução de danos [Braços Abertos, em São Paulo, e Atitude, em Pernambuco]. São um primeiro passo para a solução. Pessoas com problemas de vício estão sofrendo e tentando enfrentar isso da melhor maneira. Eles merecem amor, compaixão e apoio. Se lhes oferecemos isso, os resultados são fantásticos, eles melhoram imensamente.